

O “jumbo” só entra em março

por Cláudia Safatle
de Brasília

Somente nos primeiros dias de março é que o País receberá a primeira parcela dos US\$ 3 bilhões equivalentes à “tranche” inicial do empréstimo-jumbo de US\$ 6,5 bilhões. Segundo uma nota oficial divulgada ontem pelo Banco Central, “estamos praticamente encerrando o ‘round’ de assinaturas (quase todos os bancos já assinaram)”, afirma o presidente Affonso Celso Pastore, garantindo, também, que “os recursos obtidos são absolutamente suficientes para o equilíbrio do balanço de pagamentos em 1984, com acumulo de reservas de US\$ 1 bilhão”.

Pastore pretende, agora, concentrar-se inteiramente no programa de ajustamento interno da economia brasileira e ressaltou que somente após concluída essa tarefa de assegurar um bom desempenho internamente é que o governo se voltará para a renegocia-

ção da dívida externa para o ano que vem.

Essa nota oficial do Banco Central foi elaborada a propósito de declarações divulgadas na imprensa brasileira com base em telegrama da UPI do presidente do Deustch Bank, Wilfried Guth, de que os bancos internacionais não estariam predispostos a financiar mais US\$ 4 bilhões de recursos novos para 1985.

SURPRESA

Guth, em correspondência mantida com Pastore, mostrou-se “surpreso” com tal comentário, que teria feito durante o Simpósio Internacional de Finanças, em Davos, Suíça. “A única observação que fiz recentemente sobre o Brasil foi de que o anunciado menor volume de recursos de que o País necessitará em 1985, comparado com o atual, levantado no mercado financeiro, de US\$ 6,5 bilhões, é um fato encorajador”, escreveu o presidente do grande banco alemão,

acrescentando: “Deixei bastante claro que nenhum banco responsável pode retirar-se do atual processo de estabilização, que ainda deve perdurar por alguns anos”.

Apesar desse desmentido, contudo, Guth foi bastante incisivo quanto à necessidade de se alterar substancialmente o atual método de elevar recursos de curto prazo para o Brasil. “Sustentei que os acordos com os bancos e, provavelmente, com os governos poderiam prolongar-se por mais um ano, para dar ao País devedor maior estabilidade financeira.”

O presidente do Deustch Bank garantiu, ainda, que permanece empenhado em preparar, “nos próximos meses, novas fases de negociação de seu país, para 1985, de tal forma que o processo seja concluído rápida e eficientemente, quando se apresentar a ocasião”, conforme repete textualmente a nota à imprensa, liberada ontem pelo Banco Central.